

AS ASNEIRAS DO GUEDES

Artur Azevedo

Não é precisamente um conto o que hoje vou escrever.

Voltou do seu passeio a São Paulo o Guedes - o Guedes sabem? - o maior asneirão que o sol cobre, aquele mesmo que respondeu aqui há tempos quando numa roda lhe perguntaram se tinha filhos:

- Tenho uma filha já adúltera.

- Adúltera?!

- Sim, senhor, adúltera; vai fazer 17 anos.

- Adulta quer o senhor dizer...

- Ou isso. E uma boa menina; só tem um defeito: é muito luxuriosa.

- Luxuriosa?!

- Sim, senhor, luxuriosa: gosta muito de luxar.

- Ah!

- Mas lá está minha mulher para lhe dar bons conselhos... sim, porque minha mulher é muito sensual.

- Sensual?!

- Sim, senhor, sensual: tem muito bom senso.

Pois é como lhes digo: tive o prazer de encontrar ontem esse precioso Guedes, cujas asneiras, colecionadas, dariam um volume de trezentas páginas, ou mais.

Eu estava num armarinho da rua do Ouvidor, onde entrava para cumprimentar a minha espirituosa amiga D. Henriqueta, que andava, como sempre, fazendo compras, enchendo-se de caixinhas e pequeninos embrulhos, adquiridos aqui e ali:

O Guedes, mal que me viu, correu a dar-me um abraço, dizendo:

- Li no "O País" a notícia do seu aniversário...

E recuando dois passos, tomou uma atitude solene, deixou cair as pálpebras, e acrescentou:

- Faço votos para que você tenha um futuro tão brilhante como o que passou.

Agradei comovido essa manifestação de apreço envolvida num disparate, e apresentei o Guedes à minha espirituosa amiga D. Henriqueta, que mordida os lábios para não rir.

- Apresento-lhe, minha senhora, o mais extraordinário reformador da língua portuguesa: o Guedes, o grande Guedes, que acaba de chegar de São Paulo, onde esteve a passeio.

- Era tempo de fazer uma viagem! - explicou ele. - Foi a primeira vez que saí do Rio de Janeiro.

- Eu também não saí ainda desta cidade senão para ir uma vez a Petrópolis e duas a Niterói - disse D. Henriqueta.

- Vejo então que a senhora é cortesã... - acudiu o Guedes curvando os lábios no mais amável dos seus sorrisos.

- Cortesã?!

- Cortesã, sim... filha da Corte...

- Oh! Guedes! - observei baixinho. - Pois você não vê que está dizendo uma inconveniência?

- Tem razão... Atualmente não se deve falar em Corte...

E emendou:

- Vejo então que a senhora é capitalista federalista.

D. Henriqueta desta vez riu-se a perder. É provável que ao leitor não aconteça o mesmo. Paciência.

- Ó Guedes! Vamos lá! Diga-me! Que impressões trouxe de São Paulo?

- Muito boas! Aquilo é uma grande terra!

- Dizem que há lá muita sociabilidade.

- Como?

- Muita convivência...

- Isso há... As famílias visitam-se... Ou moços coabitam tom as moças.

- Ora essa!

- Que entende você por "coabitar"?

- E... é...

- É uma indecência... uma inconveniência... uma coisa que não se diz!...

O Guedes inflamou-se:

- Está você muito enganado... "Coabitar" é...

E voltando-se para um dos caixeiros do armário:

- O senhor tem aí um dicionário que me empreste?

- Pois não?

E daí a dois minutos o Guedes tinha nas mãos os dois volumes do Aulete.

- Muito bem! - disse eu. - Procure "coabitar".

Depois de folhear em vão o dicionário durante um ror de tempo, o teimoso exclamou:

- Não dá! Não dá! Vejam...

- Perdão: você está procurando com *u*: deve ser com *o*!

- Tem razão, tem razão... Onde estava eu com a cabeça?

E o Guedes pôs-se de novo a folhear o Aulete.

- Não dá! Também não dá com *o*! Veja: de coa para coação! Não dá com *u* nem com *o*!

Valha-o Deus, Guedes, valha-o Deus! Você está procurando sem *h*? Dê cá o dicionário!

E com um sorriso de triunfo mostrei ao Guedes a significação da palavra.

- Olhe, leia: "Coabitar, habitar, viver conjuntamente".

- Mas isso...

- Agora veja o que o Aulete acrescenta entre parênteses:

"Diz-se particularmente de duas pessoas de diferente sexo".

- Perdão! - bradou o Guedes furioso. - Perdão! Eu não disse particularmente, mas alto e bom som, e só não me ouviu quem não me quis ouvir!

E batendo com a mão espalmada sobre o balcão:

- Eu não sou homem que diga as coisas particularmente!